

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO:

Valorização dos conhecimentos locais e comunitários

Flávia Ribeiro Amaro^()*

O presente número é em homenagem à Carlos Rodrigues Brandão (1940-2023), pensador que deixou um importante legado de mais de sessenta anos dedicados à educação popular, à antropologia da religião, aos estudos sobre o campesinato e à pesquisa participante no Brasil, na América- Latina e Europa.

Carioca, neto de alemães, de uma geração marcada pela contracultura e por reivindicar a liberdade, deixou as areias da praia pelas estradas de terra do interior dos estados de São Paulo, Goiás e Minas Gerais, onde pesquisou as manifestações da cultura e da religiosidade popular. Autor de obras clássicas para os estudos da educação e da cultura popular, Brandão é responsável por cunhar o termo “educação popular” e por realizar pesquisas de campo que abrangeram diversas manifestações religiosas, desde o catolicismo popular até as religiões de matriz africana. Sua abordagem enfatiza a importância de valorizar os conhecimentos locais e de criar espaços de diálogo e reflexão crítica, engajada, sensível e participativa. Suas pesquisas estabeleceram um rico diálogo entre os saberes acadêmicos e as práticas culturais e religiosas vivenciadas pelas comunidades estudadas. A pesquisa participante foi o método empregado na maioria de suas análises. O pesquisador, ao longo de sua carreira, incorporou essa abordagem em seus estudos, reconhecendo que os conhecimentos produzidos pelos sujeitos pesquisados são tão relevantes quanto os conhecimentos acadêmicos.

Carlos Rodrigues Brandão legou contribuições significativas nas áreas da educação popular, antropologia da religião e pesquisa participante. Sua habilidade de conectar teoria à prática foram fundamentais para a valorização dos conhecimentos populares. Sua abordagem horizontal e seu desejo de ouvir as vozes das comunidades são inspiradores.

^(*)Doutora em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJR. Pós-doutora em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Editora convidada para este dossiê. E-mail: flavia.ramaro@gmail.com

Acolhemos propostas de artigos, comunicações, resenhas e depoimentos que versem sobre aspectos bibliográficos e biográficos relacionados ao antropólogo, educador, psicólogo, escalador de montanhas, amigo – Carlos Rodrigues Brandão.

Foram aceitas propostas de pesquisadores em todos os níveis de formação e em todas as áreas do conhecimento. Pois, a ideia é construir pontes interdisciplinares entre os diversos campos epistemológicos em que ele esteve envolvido: antropologia, educação, sociologia, psicologia, filosofia, ciências da religião, economia solidária, etc.

O objetivo é celebrar o seu legado e a sua pessoa de um modo que o próprio apreciaria. Bem como divulgar a sua obra, preservar a sua memória e traçar um panorama sobre sua trajetória de vida e de trabalho.

Diante dessa proposta, nos perguntamos o que herdamos das experiências e ensinamentos do Brandão? E, qual a responsabilidade de manter vivo seu nome e suas contribuições teórico-metodológicas, para inspirar novas gerações de pesquisadores interessados em abordagens humanas, próximas, simétricas, sensíveis, despojadas de vaidades acadêmicas e interessadas genuinamente no Outro?

O desafio é mapear suas redes de relações, revisitar suas obras e preservar a sua memória de uma maneira celebrativa, ressaltando a vitalidade e a contemporaneidade de seus temas de investigação, de suas leituras e abordagens.

PASSAGEM...

No meio da tarde de 11 de julho de 2023, em um leito da Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas, na companhia de sua esposa Maria Alice, de seus filhos André e Luciana e de seu neto Pablo, os batimentos cardíacos do velho professor foram diminuindo, até que cessaram às 15:50.

Há cerca de 1 ano e 3 meses, nosso querido mestre já vinha anunciando a proximidade de sua partida, em decorrência dos agravamentos de uma leucemia que o acometera pouco tempo depois de ter completado os seus oitenta anos. Entre idas e vindas ao hospital, entre internações e intervenções médicas como a quimioterapia, demonstrava admirável coragem e paciência, enfrentando com brandura e bravura essa sua nova realidade, de frequentador de ambulatórios e salas de exames. Mesmo durante esses últimos momentos, celebrava a vida, fazia planos, escrevia, fez *lives*, recebeu homenagens.

Brandão felizmente conseguiu aproveitar algumas homenagens direcionadas a ele em comemoração a seus oitenta anos de idade e sessenta de docência e pesquisa. Em seu 83º aniversário foi agraciado com a publicação do livro: “Brandão: memória de quem somos, presença de quem fomos” (2022), que contou com a participação de diversos ex-alunos e amigos.

Contudo, com o agravamento de seu quadro de saúde, ele já esboçava por meio de poesias e correspondências (e-mails), ternas despedidas. Pode-se dizer que Brandão foi uma pessoa feliz e que inspirava a felicidade nos outros, sempre bem humorado, rodeado de gente e sereno até os seus últimos momentos.

Os noticiários de televisão repercutiram a sua morte, bem como outros diversos meios de comunicação impressos e digitais. Foram inúmeras as notas de pesar e os depoimentos de colegas de profissão, como o emocionante relato de Faustino Teixeira, de figuras como Leonardo Boff, o Padre Júlio Lancelot, além de entidades e movimentos sociais como o MST, o Instituto Paulo Freire, entre outras associações que prestaram suas condolências nas redes sociais.

Antes do velório, houve a celebração de uma homenagem realizada na Unicamp. Aonde chegaram as primeiras coroas de flores e os amigos declamaram poemas, fizeram depoimentos e entoaram canções. A Folia de Reis marcou presença. Fernando Guimarães cantou sua “Folia do bem querer” e todos se abraçaram, um momento memorável.

O velório aconteceu no Crematório Municipal de Campinas com o caixão lacrado devido à uma portaria local que estabelecia que em caso de morte em decorrência da COVID-19 este deve ser o protocolo adotado. No entanto, sobre o caixão foi colocado um belo retrato do professor, com um semblante suave e cativante, com um olhar profundo, marejado e extremamente vívido. Ele sorria com os olhos e parecia estar entre nós.

A cerimônia ficou lotada, contando com a participação de dezenas de pessoas entre familiares, amigos, ex-alunos, colegas de trabalho. A cantoria e a melodia chorosa das cordas da viola de João Arruda emocionaram a todos. Foi uma bonita cerimônia, regada à cachaça que ele havia deixado reservada para essa ocasião a pelo menos 50 anos. Sempre brincando que ela somente deveria ser aberta para ser servida em sua partida.

A bandeira das folias de reis adornava o espaço contendo a câmara funerária, segurada pelas mãos de sua fiel e longeva companheira Maria Alice.

Brandão viveu 83 anos. Deixou dois filhos: André e Luciana e três netos: Pedro, Iara e Pablo e inúmeros amigos. Teve uma vida intensa e fecunda, cheia de aventuras na natureza e afetos cativados com seu inigualável carisma e sensibilidade para com o Outro.

VIDA...

Carlos Rodrigues Brandão, nasceu no Rio de Janeiro em uma família de imigrantes alemães, ainda menino tomou gosto pela leitura, hábito que cultivou com entusiasmo por toda a vida. Desde a juventude universitária dedicou-se à causa dos povos oprimidos, habitantes do interior do País. Circulou por outros países latino-americanos articulando iniciativas em prol da educação e da cultura popular. Foi importante referência para a educação popular e para a antropologia da religião, construindo uma trajetória ímpar, amparada pela pesquisa participante, sensível e permeada por afetos. Um professor que nunca mediu esforços em prol de seus alunos e das comunidades nas quais pesquisou, como é o caso da cidade de Caldas-MG, onde construiu o sítio Rosa dos Ventos.

Brandão foi um pesquisador íntegro, comprometido, original, lançou mão da ciência empírico-indutiva com uma tenacidade autocrítica e uma honestidade incontestável, abordou a “educação popular” por meio de entradas teóricas e práticas, envolveu-se com comunidades rurais, com movimentos sociais e pastorais da Igreja católica.

Iniciou sua carreira acadêmica na década de 1960, tempos de um cenário político perpassado por autoritarismos e arbitrariedades e, em contrapartida, por resistências e transgressões. Integrou a Juventude Universitária Católica (JUC) de 1961 a 1965. Em 1963, ingressou no Movimento de Educação de Base (MEB), sob supervisão de Osmar Fávero e foi escalado para atuar como animador popular em projetos de alfabetização de adultos na cidade de Garanhuns, no agreste pernambucano. Ainda em Pernambuco atuou ainda em cidades como Caruaru, Santa Cruz do Capibaribe e Vitória de Santo Antão. Mas, foi especialmente, nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás onde desenvolveu a maioria de suas pesquisas de campo.

É conhecido por ter cunhado a expressão “Educação Popular”. Suas reflexões e prática engajada com as causas sociais, culturais, ambientais, educacionais estão presentes em debates na antropologia, nas ciências sociais e da religião, na educação, na geografia, na filosofia etc. A preocupação com o popular atravessa suas pesquisas, sejam elas sobre religião, cultura ou campesinato e/ou prática docente.

O legado de Brandão nos lembra que a academia deve estar a serviço da comunidade, buscando sempre a promoção da justiça e da sensibilidade. Suas contribuições continuarão inspirando a prática de educadores populares, pesquisadores da cultura e da religiosidade popular no Brasil e mundo à fora.

Brandão era uma pessoa calorosa e generosa profissional e pessoalmente. Ele foi, acima de tudo, um amante da vida humana, dos bichos, das matas e mares, um sonhador, cuja maestria em agregar pessoas para compartilhar o conhecimento e *práxis* nos convida a resistir e confrontar todas as formas de injustiça cognitiva e dominação que subjugam pessoas e culturas.